

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ EM PARCERIA COM A SECRETARIA  
MUNICIPAL DA EDUCAÇÃO/CEAD DE PONTAL DO PARANÁ  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM INCLUSÃO / EDUCAÇÃO ESPECIAL**

**LÉA WEISS GOLTZ**

**A HIPERATIVIDADE E O TRABALHO EM SALA DE AULA**

**CURITIBA  
SETEMBRO/2004**

**LÉA WEISS GOLTZ**

**A HIPERATIVIDADE E O TRABALHO EM SALA DE AULA**

Monografia apresentada como requisito parcial à conclusão do Curso de Especialização em Inclusão / Educação Especial da Universidade Federal do Paraná em convênio com a Secretaria Municipal da Educação/CEAD de Pontal do Paraná

Orientadora: Dra. Miriam Aparecida Graciano de Souza Pan

**CURITIBA**  
**SETEMBRO/2004**

**LÉA WEISS GOLTZ**

**A HIPERATIVIDADE E O TRABALHO EM SALA DE AULA**

Monografia da Especialização em Inclusão / Educação Especial.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Miriam A. de S. Pan

**TERMO DE APROVAÇÃO**

---

---

---

Data da aprovação:

### **Uma joaninha diferente**

*“Era uma vez uma joaninha que nasceu sem bolinhas...*

*Por isso ela era diferente. As outras joaninhas não davam ‘bola’ para ela. Cada qual com suas bolinhas, viviam dizendo que ela não era uma joaninha.*

*A joaninha ficava triste, pensando nas bolinhas e no que poderia fazer... Comprar uma capa de bolinhas? Ou, quem sabe, ir embora para longe, muito longe dali?*

*Ela pensava e pensava... Sabia que não seriam as bolinhas que iriam dizer se ela era uma joaninha verdadeira ou não. Mas as outras joaninhas não pensavam assim...*

*Então ela resolveu não dar mais importância ao que as outras joaninhas pensavam e continuou sua vida de joaninha sem bolinhas...*

*Até que um dia, as joaninhas reunidas resolveram expulsar do jardim aquela que para elas não era uma joaninha!*

*Sabendo que era uma autêntica joaninha, mesmo sem bolinhas, teve uma idéia... Contou tudo para o besouro preto, que é parente distante das joaninhas. Decidiram ir à casa do pássaro pintor e contaram a ele o que estava acontecendo.*

*O pássaro pintor, então, teve uma idéia. Pintou com capricho o besouro, que ficou parecendo uma joaninha de verdade...*

*E lá se foram os dois para o jardim: a joaninha sem bolinhas e o besouro disfarçado.*

*No jardim ninguém percebeu a diferença. E com festa receberam a nova joaninha.*

*A joaninha sem bolinhas, que a tudo assistia de cima de uma folha, pediu um minuto de atenção e, limpando a pintura que disfarçava o besouro preto, perguntou:*

*- Quem é a verdadeira joaninha?”*

*Regina Célia Melo, Uma joaninha diferente*

## SUMÁRIO

<b>RESUMO.....</b>	<b>v</b>
<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>1</b>
<b>2 VISÃO GERAL DA TDAH.....</b>	<b>4</b>
2.1 PROCESSO HISTÓRICO.....	6
<b>3 ALUNO HIPERATIVO NO CONTEXTO DA SALA DE AULA.....</b>	<b>9</b>
3.1 INDISCIPLINADO OU HIPERATIVO? COMO SABER?.....	12
3.2 CLASSE COMUM OU CLASSE ESPECIAL?.....	16
3.3 QUE AÇÕES IMPLEMENTAR PARA QUE A ESCOLA SE TORNE 20 INCLUSIVA?.....	
3.4 FORMAÇÃO CONTINUADA DO PROFESSOR.....	23
3.5 PRINCIPAIS RESISTÊNCIAS PARA A INCLUSÃO.....	25
3.6 COMO DERRUBAR OS PRECONCEITOS CONTRA A INCLUSÃO DA 27 CRIANÇA COM TDAH?.....	
3.7 ALGUMAS FORMAS SUGERIDAS POR DOUTRINADORES, DE MANTER 27 A ATENÇÃO DO ALUNO DIAGNOSTICADO COMO HIPERATIVO.....	
3.7.1 Estratégias de ensino criativas, atraentes e interativas.....	29
3.8 INFLUÊNCIA DO NÚMERO DE ALUNOS NA CLASSE COM ALUNO 30 HIPERATIVO.....	
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>31</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>36</b>

## RESUMO

Trata-se de um estudo teórico baseado em livros e artigos escritos sobre o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade e seus reflexos na sala de aula. As dificuldades que as crianças que possuem este transtorno enfrentam no dia-a-dia escolar. Como diferenciar este aluno daquele que apenas é indisciplinado e superativo. A necessidade ou não de um reforço escolar, quais e como devem ser implementadas as ações para que a escola se torne inclusiva para todos os alunos sem preconceito ou discriminação. A importância da formação continuada dos educadores, de sua iniciativa com aulas mais criativas, atraentes e dinâmicas, além de comentários, sobre algumas sugestões propostas por estudiosos, para manter a atenção do portador de TDAH, bem como a influência, do número de alunos na sala, para o melhor aprendizado deste aluno.

## SUMÁRIO

<b>RESUMO.....</b>	<b>v</b>
<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>1</b>
<b>2 VISÃO GERAL DA TDAH.....</b>	<b>4</b>
2.1 PROCESSO HISTÓRICO.....	6
<b>3 ALUNO HIPERATIVO NO CONTEXTO DA SALA DE AULA.....</b>	<b>9</b>
3.1 INDISCIPLINADO OU HIPERATIVO? COMO SABER?.....	12
3.2 CLASSE COMUM OU CLASSE ESPECIAL?.....	16
3.3 QUE AÇÕES IMPLEMENTAR PARA QUE A ESCOLA SE TORNE INCLUSIVA?.....	20
3.4 FORMAÇÃO CONTINUADA DO PROFESSOR.....	23
3.5 PRINCIPAIS RESISTÊNCIAS PARA A INCLUSÃO.....	25
3.6 COMO DERRUBAR OS PRECONCEITOS CONTRA A INCLUSÃO DA CRIANÇA COM TDAH?.....	27
3.7 ALGUMAS FORMAS SUGERIDAS POR DOUTRINADORES, DE MANTER A ATENÇÃO DO ALUNO DIAGNOSTICADO COMO HIPERATIVO.....	27
3.7.1 Estratégias de ensino criativas, atraentes e interativas.....	29
3.8 INFLUÊNCIA DO NÚMERO DE ALUNOS NA CLASSE COM ALUNO HIPERATIVO.....	30
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>31</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>36</b>

## RESUMO

Trata-se de um estudo teórico baseado em livros e artigos escritos sobre o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade e seus reflexos na sala de aula. As dificuldades que as crianças que possuem este transtorno enfrentam no dia-a-dia escolar. Como diferenciar este aluno daquele que apenas é indisciplinado e superativo. A necessidade ou não de um reforço escolar, quais e como devem ser implementadas as ações para que a escola se torne inclusiva para todos os alunos sem preconceito ou discriminação. A importância da formação continuada dos educadores, de sua iniciativa com aulas mais criativas, atraentes e dinâmicas, além de comentários, sobre algumas sugestões propostas por estudiosos, para manter a atenção do portador de TDAH, bem como a influência, do número de alunos na sala, para o melhor aprendizado deste aluno.

## 1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa, estuda teóricamente as obras e artigos existentes sobre a hiperatividade e a educação, com ênfase no reflexo e influência do trabalho do professor em sala de aula no tratamento da criança diagnosticada como hiperativa.

Serão abordados os desafios enfrentados pelos professores, as características que esta criança pode apresentar tais como: a indisciplina e a inquietação.

A pesquisa será baseada em textos sobre as dificuldades dos professores como: falta de motivação e de conhecimento sobre o transtorno e formas de estimular o aprendizado em alunos diagnosticados com o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH).

A pesquisa terá início com uma revisão do conceito de TDAH, juntamente com a evolução histórica de diagnósticos, tratamentos, conceitos e soluções sugeridas por outros educadores, auxiliando o professor na identificação do aluno com diagnóstico de hiperatividade.

Visa-se o discernimento das características da hiperatividade afim de diferenciá-la de superatividade e agitação mais intensa, que pode existir em alguns de seus alunos, a importância em se diferenciar a indisciplina e outros comportamentos da hiperatividade.

Muitas vezes os pais e até mesmo os professores ficam em dúvida sobre a melhor alternativa para os alunos com necessidades educacionais especiais – NEE, se a escola comum ou especial, se a melhor alternativa é colocá-los em uma sala especial ou apenas um reforço escolar. Quanto ao aluno com TDAH não se estudará a necessidade de uma escola especial.

As dificuldades que enfrentará, podem e devem ser sanadas pelas escolas comuns, mas nelas é possível que existam salas especiais, que buscam reforçar a atenção e o ensino para os alunos com dificuldade de aprendizado, ou mesmo salas de recuperação para alunos com notas baixas, etc. Serão analisadas as vantagens e desvantagens deste sistema para alunos diagnosticados com TDAH.

Através desta pesquisa, busca-se discutir o aprimoramento das aulas para maior segurança dos professores que não conseguem transmitir o conteúdo de suas aulas para o aluno diagnosticado como hiperativo (seja pela falta de uma formação continuada ou falta de conhecimento sobre o tema), e, formas que possam suprir a falta de capacitação especializada do professor para a educação inclusiva para não prejudicar o aluno diagnosticado como hiperativo, podendo assim acompanhar os demais alunos nas atividades escolares.

Pela Declaração Universal dos Direitos Humanos, “toda criança tem direito fundamental à educação, e deve ser dada a oportunidade de atingir e manter o nível adequado de aprendizagem”. Cabe a escola e aos professores com o devido apoio do Poder Público criar novos projetos pedagógicos e alternativos para que o aluno diagnosticado com TDAH não seja prejudicado.

Serão abordadas algumas formas sugeridas por doutrinadores para manter a atenção do aluno hiperativo, visando o melhor aproveitamento em aula e a participação de todos os alunos em conjunto, pois os alunos com TDAH vivem o momento presente, levados pelo impulso e pela necessidade de estímulo e estratégias de ensino criativas, atraentes e interativas, que mantêm estes alunos envolvidos e interagindo com seus colegas.

Que ações implementar para que a escola mude? Quais são as principais resistências para a inclusão?

Por que existe o preconceito, a falta de informação e intolerância a modelos mais flexíveis?

Como derrubar os preconceitos da inclusão?

Estas questões serão analisadas com base nos posicionamentos doutrinários pesquisados, elencando possíveis soluções teóricas para estes problemas.

Serão estudados os posicionamentos dos autores sobre a eficácia da educação inclusiva e quais os efeitos observados neste processo.

O posicionamento doutrinário sobre a influência do número de alunos existentes na classe, se possui alguma relação ou influência no processo de inclusão escolar, ou se existe um número recomendado de alunos por sala e, se os problemas enfrentados numa escola pública para efetivar a inclusão estão relacionados com o alto número de alunos por classe.

A metodologia utilizada foi a análise em obras literárias, revistas, e artigos sobre o tema hiperatividade, educação e inclusão escolar, fazendo uma relação e comentário sobre os posicionamento dos autores.

Através da análise dos textos estudados será exposto no presente trabalho, os diversos posicionamentos sobre a inclusão escolar, relacionando as dificuldades observadas pelos autores com as condições das escolas na atualidade.

## 2 VISÃO GERAL DA TDAH

No Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade - TDAH, ou apenas denominado como hiperatividade, os alunos não conseguem concentrar a atenção na aula, ao mesmo tempo em que apresentam uma atividade corporal acima do considerado normal, não ficam sentados, querem interagir, experimentar coisas novas, etc.

O TDAH é caracterizado por uma constelação de características relacionadas com falta de atenção, hiperatividade e impulsividade. Esses comportamentos podem causar algumas dificuldades na vida diária e escolar.

A hiperatividade ou Distúrbio de Déficit de Atenção por Hiperatividade (DDAH) é um distúrbio comportamental, não uma doença. Por isso, muitas pessoas supõem que ele é causado pela má educação ou por pessoas que 'deixam os filhos escapar do controle', ou rotulam as crianças com DDAH de levadas, preguiçosas e estúpidas. Na verdade, isso está longe da verdade, o DDAH é um distúrbio real, embora só tenha chamado a atenção dos médicos recentemente e, portanto, é provável que não tenha sido discutido durante seu treinamento.<sup>1</sup>

Geralmente as crianças com TDAH não conseguem focalizar a atenção nas coisas por muito tempo e logo se sentem irrequietas e aborrecidas, de modo que seguem um estímulo atrás do outro, sempre insatisfeitas, não conseguindo completar quase nenhuma atividade, elas não enxergam com antecedência as conseqüências de uma ação, nem aprendem facilmente as lições que essas conseqüências trazem.

Na fase adulta, uma pessoa que tenha TDAH, pode se programar para diversas tarefas a serem realizadas num dia, mas quando este dia chega ao final ela vê que não realizou nenhuma das atividades que tinha programado, visto que ao iniciar uma, já lembra de outra, e inicia outra, e passa a resolver outro problema, sem se ater ao que realmente tinha que fazer, ficando frustrada e não sabendo como isso aconteceu. Esta situação também ocorre com as crianças que se programam para fazer a lição de casa, e simplesmente não conseguem, não porque

---

<sup>1</sup> JONES, Maggie. **Hiperatividade: como ajudar seu filho**. Tradução de Denise Maria Boionho. São Paulo: Plexus Editora, 2004, p. 15.

não saibam resolvê-la, aliás, muitas vezes podem resolver com facilidade e até mais rapidamente do que seus colegas, visto sua agilidade e rapidez no raciocínio (que também é uma característica do TDAH que pode estar presente em pessoas que possuem o transtorno), mas ela não consegue se concentrar ou terminar o que iniciou.

Esse rápido raciocínio também pode ocasionar a seguinte situação: o aluno diagnosticado com TDAH termina o exercício proposto pelo professor antes de todos os colegas, até mesmo estimulado para que possa logo brincar ou conversar, e não consegue ficar parado para que os outros alunos consigam se concentrar, quer interagir, se movimentar ou mudar o foco de sua atenção, passa então a ser repreendido pelo professor, fica um pouco mais quieto, mas logo volta a sentir necessidade de se movimentar, buscar novos estímulos.

Essa rapidez de raciocínio, que pode ser verificada em alguns casos, pode resultar em boas notas, mas sempre haverá aquela reclamação para seus pais por parte dos professores: - As notas de seu filho são ótimas, mas no quesito comportamento ele não acompanha a turma, ou simplesmente, sua nota é zero.

“Para lidar com uma criança com TDAH, antes de mais nada, o professor precisa conhecer o transtorno e saber diferenciá-lo de ‘má-educação’, ‘indolência’ ou ‘preguiça’.”<sup>2</sup>

O diagnóstico precoce e tratamento adequado podem reduzir drasticamente os conflitos familiares, escolares, comportamentais e psicológicos vividos por essas crianças.

O TDAH interfere na habilidade da pessoa de manter a atenção - especialmente em tarefas repetitivas - de controlar adequadamente as emoções e o nível de atividade, de enfrentar conseqüências consistentemente e, talvez o mais importante, na habilidade de controle e inibição.

Inibição refere-se à capacidade de evitar a expressão de forças poderosas que levam a agir sob o domínio do impulso, de modo a permitir que haja tempo para o autocontrole.

As pessoas diagnosticadas com TDAH até podem saber o que deve ser feito, mas não conseguem fazer aquilo que sabem, devido à inabilidade de

---

<sup>2</sup> MATTOS, Paulo. **No mundo da lua: Perguntas e respostas sobre transtorno do déficit de atenção com hiperatividade em crianças, adolescentes e adultos**. 4. ed. São Paulo: Lemos Editorial, 2004, p. 95.

realmente poder parar e pensar antes de agir, não importando o ambiente ou a tarefa que deve ser realizada.

As crianças diagnosticadas com TDAH não apresentam as mesmas características entre si, estas características ou sintomas estão relacionadas com o grau de hiperatividade, entre as mais moderadas está a desatenção, dificuldade em seguir instruções, desorganização, não gostar de atividades que necessitam de muito tempo, atenção e constante distração.

A impulsividade pode estar presente em algumas crianças diagnosticadas como hiperativas, como também a inquietação, a necessidade de constante atividade motora, a fala excessiva, etc.

Enfim, são muitas as atitudes observadas em uma criança, principalmente na escola, que podem ser caracterizadas como hiperatividade, mas este diagnóstico é difícil, pois o limite entre a hiperatividade e a superatividade, entre a desobediência e a agressividade e assim por diante, é muito tênue.

A combinação destas atitudes, juntamente com análise médica, pedagógica e psicológica é que podem diagnosticar com maior propriedade a hiperatividade.

## 2.1 PROCESSO HISTÓRICO

Desde a segunda metade do século passado, pelo menos, com o surgimento do laboratório de Fechner, aquilo que é psicológico é naturalizado, para ser ordenado com as espécies estudadas pela biologia. No início deste século, com o teste de Binet, aumenta-se a possibilidade de o saber passar a ser adaptado às capacidades das crianças. Aparentemente, assim, as crianças poderiam começar a ser o centro do processo educacional, pois já eram entendidas como material a ser transformado, como o posterior escolanovismo pôde propor.<sup>3</sup>

Em 1962 em um simpósio em Oxford, foram apresentados resultados realizados com o estudo do cérebro em pessoas que eram hiperativas e, que haviam morrido de causas diversas sem a constatação de lesões cerebrais. Os

---

<sup>3</sup> MACHADO, Adriana Marcondes. **Educação Especial em debate**. São Paulo: Casa do Psicólogo: CRP-6, Região, 1997, p. 16.

pesquisadores então reconheceram estar errada a qualificação da hiperatividade como Lesão Cerebral Mínima (LCM) e, passaram a denominá-la de Disfunção Cerebral Mínima (DCM).

Essa 'doença' teria por manifestações clínicas: hiperatividade, agressividade, distúrbio de aprendizagem, distúrbio de linguagem, incoordenação motora, déficit de concentração, instabilidade de humor, baixa tolerância a frustrações e outras menos comuns. Chama a atenção que todas as manifestações referem-se a comportamento e/ou à cognição; além disso, nenhuma é obrigatória, não existe número mínimo de sintomas, qualquer combinação é suficiente. Inexistem critérios que objetivem o que se entende, por exemplo, por agressividade, hiperatividade, distúrbios de comportamento ou de aprendizagem e todos os outros sintomas.<sup>4</sup>

Portanto, não há como mensurar o número de sintomas e quais serão eles em uma criança diagnosticada com TDAH, dificultando seu diagnóstico e demonstrando que os portadores deste transtorno não são iguais, e em decorrência de suas particularidades e diferentes potencialidades o tratamento deve ser individualizado, assim como a forma de ensino, as metodologias, pedagogias e outras abordagens educacionais, analisando-se sempre cada aluno particularmente.

O que era classificado como doença, fundamentou-se na ausência de qualquer alteração objetiva, enfim, baseia-se na normalidade. Com a impossibilidade de se comprovar a existência de anormalidade biológica, então, deixou de ser doença e passou a ser denominada de disfunção, mas uma disfunção necessita de critérios para seu diagnóstico, com alterações laboratoriais, o que não ocorre neste caso.

O modelo educacional utilizado atualmente na maioria das escolas comuns é antigo e padronizado, não se atém às necessidades educacionais especiais de cada criança e não é adaptado à realidade social destes alunos.

Esse modelo de educação massificado não está acompanhando as mudanças tecnológicas e pedagógicas que ocorreram no último século, claro que isto deve ser estudado em cada escola, existem exceções, mas muitas vezes estes casos isolados dependem da boa vontade e dedicação de alguns profissionais que atuam na escola, enquanto o Poder Público somente teoriza estas mudanças nas legislações, determinando que os professores se adaptem a esta nova realidade (educação inclusiva) sem treinamentos, estudos prévios e apoio pedagógico.

---

<sup>4</sup> MOYSÉS, Maria Aparecida Affonso (et. al.). A história não contada dos distúrbios de aprendizagem. In: CEDES, **O Fracasso escolar um desafio pedagógico**. São Paulo: Cortez, caderno nº 28, p. 37.

A adaptação do ensino ao educando, ou melhor, à sua aprendizagem, embora tenha sido, desde há muito, o *slogan* dos educadores, está ainda longe de ser aplicada nas nossas escolas.

Quintiliano, 95-35 a.C., célebre orador romano, já sobre este assunto afirmava: 'Os aprendizes têm características diferentes, da mesma forma os professores deverão adequar os seus métodos de ensino.'<sup>5</sup>

“O importante é averiguar se, aos alunos com necessidades educacionais especiais, está garantido o acesso aos bens e serviços sociais oferecidos a todos, bem como condições para que se apropriem do conhecimento construído pela humanidade.”<sup>6</sup>

Em 1902, pesquisadores descreveram pela primeira vez as características dos problemas de impulsividade, falta de atenção e hiperatividade apresentados por crianças com TDAH. Desde então, o distúrbio foi denominado de várias maneiras, entre elas, Disfunção Cerebral Mínima, Reação Hiperkinética da Infância e Distúrbio de Déficit de Atenção. A 4ª edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, da Associação Americana de Psiquiatria, atualmente descreve este conjunto de problemas como Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade.

---

<sup>5</sup> FONSECA, Vítor da. **Educação Especial – Programa de estimulação precoce**. Porto Alegre/RS: Artimed Editora S.A., 2002, p. 204.

<sup>6</sup> PRIETO, Rosângela Gavioli. Atendimento escolar de alunos com necessidades educacionais especiais: indicadores para análise de políticas públicas. *In Revista UNDIME – RJ*. Ano III, n.º 1, I Semestre de 2002, p. 5.

### 3 ALUNO HIPERATIVO NO CONTEXTO DA SALA DE AULA

Como cuidar, integrar, reconhecer, relacionar-se com crianças (e pessoas, de um modo geral) com necessidades especiais e que, por isso, diferenciam-se ou utilizam recursos diferentes dos normalmente conhecidos ou utilizados, sempre foi um problema social e institucional. Essa tarefa estava, antes, restrita à família ou a alguma pessoa que, por alguma razão, assumisse esse papel, bem como às instituições públicas (hospitais, asilos, escolas especiais, etc.) especialmente dedicadas ao problema. Agora, espera-se que as escolas fundamentais incluam crianças que apresentem limitações.<sup>7</sup>

Comentando o texto acima, entende-se que, o que antes era esperado dos pais na solução dos problemas, hoje é tarefa também dos professores, da escola, dos alunos e da sociedade como um todo, pois apenas o trabalho em conjunto possibilitará melhores condições de avanço no ensino da criança diagnosticada como hiperativa.

Segundo Álvaro Marchesi e Elena Martín<sup>8</sup>, já nas décadas de 60 e 70 houve uma profunda modificação na concepção de deficiência e da educação especial na Espanha, com as seguintes tendências:

1) a deficiência passou a ter outra concepção, não era mais um fenômeno autônomo, mas relativa aos fatores ambientais e à resposta educacional mais adequada, sendo que o sistema educacional pode determinar o melhor desenvolvimento do aluno com alguma deficiência;

2) a interatividade no processo de desenvolvimento da aprendizagem e conscientização de que cada aluno possui necessidades educacionais especiais específicas e, o agrupamento com demais alunos deficientes não seria tão benéfico como se imaginava, pois cada aluno deve ser analisado individualmente;

3) desenvolvimento de métodos de avaliação centrados na aprendizagem e no auxílio necessário, ao invés de apenas identificar as categorias de deficiências, conhecer as possibilidades dos alunos situando-os no âmbito das demandas educacionais e possibilidades de aprendizagem;

---

<sup>7</sup> MACEDO, Lino de. Fundamentos para uma educação inclusiva. *In Psicologia da Educação: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia da Educação/ Pontifícia Universidade Católica de São Paulo*, n. 13, São Paulo: EDUC, 2º semestre de 2001, p. 29.

<sup>8</sup> CESAR COLL, JESUS PALÁCIOS (org). **Desenvolvimento Psicológico e Educação. Necessidades Educativas Especiais**. trad. de Marcos A. G. Domingues, v. 3, Porto Alegre: Artes Médicas, 1995, p. 9.

4) a existência de um maior número de profissionais especializados questionando a função dos sistemas das escolas comuns e especiais e suas limitações, buscando novos métodos de avaliações;

5) o ensino para todos os alunos nas escolas comuns, sendo a escola integradora e não segregadora;

6) constatação de que muitos alunos abandonam a escola, avaliando novamente os limites entre a normalidade, o fracasso e a deficiência e conseqüentemente, dos alunos da escola especial e comum;

7) a falta de integração nas escolas comuns resultou no pensamento de que poderiam existir outras formas de escolarização;

8) aumento de experiências positivas de integração e novas possibilidades educacionais baseadas em dados concretos, recebendo apoio das administrações educacionais, criando um clima favorável para esta nova perspectiva;

9) a existência de uma corrente normalizadora em todos os serviços sociais dos países desenvolvidos, havendo uma aproximação entre as atividades de saúde e educação;

10) uma maior sensibilização social ao direito de todos a uma educação integradora, visão esta conseguida através da pressão dos pais e das associações de adultos que reivindicavam seus direitos e, movimentos sociais mais amplos.

Com estes fatores pode se verificar a transformação da visão da educação para os portadores de NEE, deixando de se referir a deficientes, inovando na formação de currículos, formação de professores, métodos de ensino e nas responsabilidades das administrações educacionais.

No Brasil esta evolução ainda não é comum, os doutrinadores ainda possuem restrições quanto à inclusão escolar, o Poder Público ainda não está repassando às escolas os materiais e reformas que necessitam e, muito menos os professores estão amparados em sua formação para lecionar para alunos com NEE.

O professor não pode mais ser apenas aquele que transmite o conhecimento, mas deve conhecer seus alunos, suas necessidades educacionais especiais, limitações e potencialidades e, além de passar o conhecimento adiante, possuir competência e atitudes, saber como incluir o aluno com NEE na classe comum e transformar a discriminação, o preconceito e a diferenciação em inclusão.

Ouvir, observar e analisar são fatores fundamentais para validarem as necessidades do professor, bem como possibilitam oferecer informações, conhecimentos, orientações e encaminhamentos para que, pouco a pouco, “situações problemáticas” sejam organizadas como “situações-problema”, desafiando os professores a aprenderem com os problemas enfrentados em seu trabalho. Entendendo as situações problemáticas como aquelas que se configuram como queixas, dificuldades e obstáculos, que interrompem e paralisam a ação pedagógica, e as situações-problema, como aquelas formuladas para que o sujeito mobilize seus recursos ou esquemas para a tomada de decisões.

O professor também pode, sempre que possível, encorajar esse aluno, elogiá-lo, ser afetuoso, além de conferir a ele algumas responsabilidades fáceis, mas fazendo-o sentir-se valorizado, para que não desanime com facilidade.

Estas atitudes acolhedoras e respeitosas devem partir dos professores para que os alunos se espelhem nestes comportamentos e tenham a mesma atitude.

Também pode-se tentar o trabalho em grupo como forma de fomentar a cooperação e integração, mas o grupo deve ser composto por poucos alunos, para que não se perca o foco no estudo e que seja mais fácil manter o comportamento e a participação de todos.

Para a obtenção de um melhor resultado por parte do aluno diagnosticado como hiperativo é necessário realizar uma seleção adequada dos estímulos para evitar o excesso de informações, também a baixa tolerância destas crianças às frustrações deve ser considerada, e uma forma de solucioná-la é deixar de apresentar tarefas com saltos de problemas fáceis a muito difíceis, devendo esta dificuldade ser progressiva, segundo o entendimento dos autores CESAR COLL; MARCHESI (1995).

Ainda conforme o posicionamento de CESAR COLL; MARCHESI (1995), uma característica que se observa ser comum nos alunos diagnosticados com hiperatividade, é a constante necessidade em se movimentar. Na sala de aula das escolas atuais não é permitido que o aluno se movimente, sendo apenas permitido que fique sentado e imóvel, prestando atenção na aula, que não mantenha contato com outros alunos. Este sistema de trabalho geralmente obtêm insucesso com o TDAH, pois torna a escola intransigente e tediosa, devendo esta situação ser alterada, pois a estagnação em que se encontra o ensino, não permitirá o acompanhamento da evolução tecnológica e comportamental da sociedade.

Isto deve ser adaptado para alguns alunos com TDAH, que apresentem este sintoma de necessidade de movimentação constante, pois possivelmente ele não conseguirá ficar quieto e parado por muito tempo e poderá tirar a concentração também dos outros alunos, sugere-se que o professor permita a movimentação desse aluno mas de forma organizada, seja para apagar o quadro quando for necessário, realizar algum exercício como exemplo para os demais alunos no quadro, pegar algum objeto que o professor necessite, buscar o giz quando ele acabar, levantar para apontar o lápis, entre outras diversas opções que cabe ao professor analisar e aplicar no contexto da sala de aula.

A avaliação escolar também pode e deve ser revista, experimentando a avaliação constante ao invés de apenas uma avaliação por bimestre, prática que beneficia a todos, tendo-a como um processo contínuo, flexível e de diagnóstico.

Outra atitude benéfica, pode ser o desenvolvimento de atividades que estimulem os sentidos da criança, como tato, visão e audição para voltar sua atenção ao aprendizado.

### 3.1 INDISCIPLINADO OU HIPERATIVO? COMO SABER?

A disciplina, que é a renúncia da própria vontade para se submeter à vontade da autoridade estabelecida, estrutura-se sobre uma lógica que se relaciona à lógica da dominação da natureza, portanto, não é uma categoria moral pura. Já a insuficiência cognitiva, que assume valor negativo ante a adaptação desejada ao mundo social e do trabalho, não se separa da lógica da moral. Assim, a desordem encontrada na escola, representada por aqueles que não se submetem à reciprocidade da lógica da dominação e por aqueles que não encontram lógica na ordem apresentada nos conteúdos que lhes são transmitidos, não pode ser resolvida segundo a máxima burguesa de que basta ordenar o pensamento para que o mundo fique em ordem e, tampouco, por uma razão psicológica que tente reestruturar a personalidade ou a família em uma sociedade que tendencialmente suscita a desestruturação.<sup>9</sup>

O aluno hiperativo não é necessariamente indisciplinado, mas pode possuir alguma dificuldade em seguir regras e respeitá-las, podendo ainda não

---

<sup>9</sup> MACHADO, *op. cit.*, p. 15.

aceitar a autoridade do professor por não entender que está fora destas regras e que seu comportamento hiperativo destoa dos demais comportamentos, em tese.

O professor geralmente é o primeiro a identificar as características que podem estar presentes em alunos com diagnóstico de hiperatividade, dentre estas características está a constante agitação motora, a impaciência e falta de concentração, que podem aparentar indisciplina e insubordinação.

Mas existem alunos que possuem estas características e não são hiperativos ? Como saber a diferença?

O professor com sua experiência pode até conseguir diferenciar o aluno com diagnóstico de hiperatividade do aluno com apenas algumas características semelhantes, mas nunca deve diagnosticar o transtorno, pois somente um conjunto de profissionais pode fazê-lo, tal como um médico e/ou um psicólogo, que juntamente com o professor e o pedagogo, trabalham com a criança.

Assim que o professor perceber que o aluno pode ter TDAH deve informar aos pais, de forma cuidadosa, apenas reportando o comportamento do aluno na escola (ainda assim seria interessante que consultasse a opinião de outros professores que lecionam para este aluno) e sugerir, que os pais procurem um especialista.

É interessante que o professor sempre mantenha uma ficha sobre cada aluno, identificando suas dificuldades, suas potencialidades, seu comportamento e apontamentos que ache necessário, não apenas para seu controle, mas também para a consulta de outros professores e profissionais, para que conheçam melhor seus alunos e que o diagnóstico e o tratamento sejam o mais corretos possíveis. Esta observação é válida para todos os alunos, mesmo os que não sejam diagnosticados como hiperativos.

(...) não se pode esquecer que o papel desse professor, como o dos demais professores, 'é, fundamentalmente, o de educar e não o de terapeuta. O professor deve agir dentro dos limites de sua própria compreensão e procurar o auxílio especializado dos especialistas em outros assuntos, que têm um papel unicamente de assistência complementar e suplementar a desenvolver'.<sup>10</sup>

---

<sup>10</sup> MAZZOTTA, Marcos José da Silveira. **Trabalho Docente e Formação de professores de educação especial**. São Paulo: EPU. 1993, p. 46.

“A disciplina do pensamento, do comportamento, da vontade, que a escola desenvolve, tem em vista a disciplina do mundo do trabalho.”<sup>11</sup>

Experiências como a do Colégio Nossa Senhora de Sion de Curitiba cuja metodologia, baseada nos fundamentos de Maria Montessori, Hélène Lubienska de Lenval e Simone Romain, mostram que é importante propiciar ao aluno uma maior mobilidade, pois nesta escola os alunos não tem os seus movimentos restringidos. Resta a dúvida de como pode haver disciplina com alunos livres em seus movimentos, mas a concepção de disciplina da pedagogia aplicada é outra, de que a disciplina deve também ser ativa, quer dizer, o fato do aluno ficar imóvel e quieto em sala de aula não significa que ele seja disciplinado ou, que este fator vá ajudar o seu desenvolvimento escolar. Para o Colégio Sion disciplinado é o indivíduo senhor de si mesmo podendo dispor de si ou seguir uma regra de vida, tal disciplina ativa não é de fácil compreensão, mas é contra a condenação à imobilidade.

Este processo de disciplina ativa e, o futuro controle da mobilidade, tem início na primeira idade escolar para que o aluno já se sinta a vontade na escola, e, quando for necessário, que fique mais concentrado e, quando seu nível de aprendizado for mais complexo, consiga se autodisciplinar.

Para que o aluno tenha essa capacidade de controlar sua necessidade de movimentos é utilizada a aula de linha:

Nas salas de aula, há sempre uma linha desenhada, em forma de uma longa elipse, no pavimento. Durante a aula de linha, caminha-se com o pé inteiramente sobre essa linha: trata-se de uma utilização costumeira daquele instinto que observamos nas crianças, de querer andar sobre uma trave ou um trilho. Assim, sucessivamente, são sendo desenvolvidos exercícios que implicam em dificuldades maiores ainda, exigindo da criança esforço e atenção a fim de poder controlar seus movimentos. Outro tipo de exercício de controle dos movimentos é aquele que procura tornar possível o silêncio (em uma medida e modo adequados à natureza dos alunos). A finalidade de todos os exercícios da aula de linha é o aperfeiçoamento da pessoa.<sup>12</sup>



Figura 1: Exemplo de sala de aula em linha.



Figura 2: Posicionamento das crianças na aula em linha e prática de tarefas de limpeza.<sup>13</sup>

<sup>11</sup> MACHADO, *op. cit.*, p. 16.

<sup>12</sup> Guia Prático do Professor Sionense, Colégio Sion de Curitiba, p. 11, nota de rodapé.

<sup>13</sup> Figura 1 e 2 disponíveis no site [http://www.sion.arauc.br/jornal/2004/jornal4b\\_04.htm](http://www.sion.arauc.br/jornal/2004/jornal4b_04.htm), acessado em 16.09.04, as 19:40.

Dentre as diversas atividades oferecidas à criança, os exercícios de vida prática possibilitam, em um ambiente preparado, o desenvolvimento da liberdade e da responsabilidade.

Ensinamos, assim, a criança cuidar do seu próprio corpo e do lugar onde está, além de reconhecer a importância de se relacionar de forma cordial com as pessoas, lavar as mãos, vestir-se sozinho, abrir e fechar portas sem ruídos, varrer, lavar louças, cumprimentar, agradecer, pedir e dar licença, são práticas cotidianas das crianças em nossa escola.

Todos esses exercícios, chamados de vida prática, além de estarem em consonância com os interesses da criança, visam também orientar na organização das suas atividades, coordenando os movimentos.<sup>14</sup>

Nesse sistema de ensino a criança é estimulada a ter responsabilidades e a controlar seus impulsos de forma voluntária e consciente, o que seria benéfico para o aluno diagnosticado com TDAH, mas infelizmente as escolas públicas e o Poder Público não possuem programas diferenciados, como o citado anteriormente, salvo algumas exceções isoladas, onde a iniciativa e a criatividade do educador e dos integrantes da escola supre a falta de recursos financeiros e materiais para tal inovação educacional.

Também a maioria das famílias brasileiras não possui condições financeiras de proporcionar uma educação em uma instituição privada de ensino para seu filho, principalmente para aquele que possui necessidades educacionais especiais.

Programas como “Amigos da Escola” da Rede Globo que organiza e fomenta o trabalho voluntário nas escolas, pode ser uma alternativa para a falta de recursos financeiros, de profissionais especializados e materiais.

Cabe à escola participar de iniciativas que busquem capacitar-labem como aos educadores, para possibilitar uma melhor qualidade na educação.

O aluno diagnosticado como hiperativo não é necessariamente indisciplinado, mas possui algumas dificuldades para entender e seguir regras, até mesmo para lembrar delas, e também raciocinar antes de agir ou reagir à um estímulo o que passa a falsa impressão de que este aluno é indisciplinado, mas na verdade é hiperativo.

---

<sup>14</sup> Disponíveis no site [http://www.sion.arauc.br/jornal/2004/jornal4b\\_04.htm](http://www.sion.arauc.br/jornal/2004/jornal4b_04.htm), acessado em 16.09.04, as 19:40.

### 3.2 CLASSE COMUM OU CLASSE ESPECIAL?

Na escola comum pode existir uma classe especial ou denominada classe de reforço onde o aluno que está apresentando dificuldades no aprendizado é inserido, visando a complementação de sua educação e o atendimento particular das suas necessidades educacionais.

“Se crianças de diversas habilidades e competências puderem conviver, a possibilidade de somar esforços perante um bem comum diminui a competição e, assim, a sua predisposição de se voltar contra aqueles que consideram mais fracos. Estamos no terreno do preconceito.”<sup>15</sup>

MAZZOTA (1993, p. 21) conceitua a educação especial como: “Conjunto de recursos e serviços educacionais especiais organizados para apoiar, suplementar e, em alguns casos, substituir os serviços educacionais comuns, de modo a garantir a educação formal dos educandos que apresentem necessidades educacionais muito diferentes das da maioria das crianças e jovens.”

A escola especial compreende um ambiente com profissionais especialmente preparados, adaptação curricular, material didático especial e profissionais que complementem o trabalho do professor fora ou dentro da sala de aula.

Antigamente acreditava-se que a escola especial era o único meio de educar os alunos com NEE mais graves, pois lá existiriam salas com menor número de alunos o que possibilitaria a maior atenção por parte do professor. Os professores seriam especializados para trabalharem com as deficiências dos alunos e o ambiente escolar seria o mais adequado, pois as crianças não seriam discriminadas por alunos “não especiais”.

Ocorre que ao longo dos anos, mais especificamente nas décadas de 40 e 50, passou-se a ter outra visão sobre as escolas especiais, pois colocar os alunos deficientes em escolas diferenciadas já é uma forma de discriminação social, e houve também a conscientização de que nas escolas comuns, estes alunos, teriam condições para aprender e ao mesmo tempo, já serem integrados na sociedade.

---

<sup>15</sup> MACHADO, *op. cit.*, p. 21.

Para os alunos “normais” significaria conhecer e respeitar as diferenças, apesar da continuidade na criação de novas escolas especiais, isto devido à crença da necessidade de atenção e cuidados especiais para uma criança com alguma deficiência.

Quando falamos de classes especiais, estamos positivando a negação, ou seja, afirmando aquele que é negado para que ele seja mais uma vez negado. Mas quais são os critérios que levam à negação? Alguns deles estão relacionados com a esfera da moral, ou seja, se as crianças apresentam ou não os comportamentos valorizados e a motivação para o aprendizado; outros, com a suficiência cognitiva relacionada à inteligência adaptativa, à capacidade e à experiência anterior.<sup>16</sup>

Segundo Álvaro Marchesi e Elena Martín<sup>17</sup>, já nas décadas de 60 e 70 houve uma profunda modificação na concepção de deficiência e da educação especial, com as seguintes tendências na Espanha:

- 1) a deficiência passou a ter outra concepção, não era mais um fenômeno autônomo, mas relativa aos fatores ambientais e à resposta educacional mais adequada, sendo que o sistema educacional pode determinar o melhor desenvolvimento do aluno com alguma deficiência;
- 2) a interatividade no processo de desenvolvimento da aprendizagem e conscientização de que cada aluno possui necessidades educacionais especiais específicas e o agrupamento com demais alunos deficientes não seria tão benéfico como se imaginava, pois cada aluno deve ser analisado individualmente;
- 3) o desenvolvimento de métodos de avaliação centrados na aprendizagem e auxílio necessários do que apenas identificar categorias de deficiências, conhecer as possibilidades dos alunos situando-os no âmbito das demandas educacionais e possibilidades de aprendizagem;
- 4) a existência de um maior número de profissionais especializados questionando a função dos sistemas das escolas comuns e especiais e suas limitações, buscando novos métodos de avaliações;
- 5) um ensino para todos os alunos nas escolas comuns, sendo a escola integradora e não segregadora;

---

<sup>16</sup> MACHADO, *op. cit.*, p. 14.

<sup>17</sup> CESAR COLL, *op. cit.*, p. 9.

6) a constatação de que muitos alunos abandonam a escola, avaliando novamente os limites entre a normalidade, o fracasso e a deficiência, conseqüentemente dos alunos da escola especial e comum;

7) a falta de integração nas escolas comuns resultou no pensamento de que poderiam existir outras formas de escolarização;

8) o aumento de experiências positivas de integração e novas possibilidades educacionais baseadas em dados concretos, recebendo apoio das administrações educacionais, criando um clima favorável a esta nova perspectiva;

9) a existência de uma corrente normalizadora em todos os serviços sociais dos países desenvolvidos, havendo uma aproximação entre as atividades saúde e educação;

10) uma maior sensibilização social ao direito de todos a uma educação integradora, visão esta conseguida através da pressão dos pais e das associações de adultos que reivindicavam seus direitos e, movimentos sociais mais amplos.

Com estes fatores pode-se verificar a transformação da visão da educação na Espanha para os portadores de NEE, deixando de se referir a deficientes, inovando na formação de currículos, na formação de professores, nos métodos de ensino e nas responsabilidades das administrações educacionais.

Atualmente no Brasil existem leis que reforçam o posicionamento de não denominar os alunos como deficientes, mas como portadores de necessidades educacionais especiais, como consta na Declaração de Salamanca que foi assinada e aprovada no Brasil.

Há cinquenta anos a concepção de deficiência era a da segregação, da reunião destas pessoas em uma escola especial onde teriam mais condições para tratá-los e educá-los.

“A existência do ‘especial’ dentro da escola acaba por formalizar e fortalecer essas desigualdades, pois ‘a deficiência pode ser um fenômeno que se cria na escola, mas a diferença que é social, antecede a escolaridade e a segue’.”<sup>18</sup>

Ocorre que com a evolução da sociedade e da psicologia, estudando a evolução dos deficientes, passou-se a denominá-los como pessoas com necessidades educacionais especiais, além da mudança da terminologia, o pensamento também mudou, reavaliando as escolas especiais e constatando que o

---

<sup>18</sup> KASSAR, Mônica de Carvalho Magalhães. **Ciência e senso comum no cotidiano das classes especiais**. Campinas/SP: Papyrus, 1995, p. 25.

melhor para as crianças com NEE seria viver em sociedade, participar de uma escola comum, onde esta escola deveria adaptar-se ao aluno com NEE ao invés do aluno se adaptar a escola.

Para o aluno com diagnóstico de TDAH não há necessidade de uma escola especial, mas o que corresponde à esta escola especial nas escolas regulares, é a classe de reforço ou a sala especial.

As escolas regulares também podem ser especiais em parte, quando utilizam uma sala especial, onde as aulas são conduzidas por professores especializados como forma de complemento das necessidades educacionais especiais.

Esta sala especial trará significativos avanços se utilizada apenas em caso de necessidade de um reforço escolar, observado pelo professor da sala regular, mas não como forma de separação - como uma sala especial só para alunos com NEE -, sem haver o convívio comum.

“Nesta abordagem dinâmica, a educação especial e a educação comum se configuram como elementos de uma mesma e única educação. Há pontos de diferenciação e de identificação que se consolidam e se desenvolvem em função das condições concretas a atender.”<sup>19</sup>

“Para concluir talvez se deva dizer que se a segregação dos alunos em classes especiais e os métodos que levam a ela não forem pensados na sua relação direta e indireta com os interesses sociais que se apresentam na escola, eles podem estar auxiliando a consolidar o destino daqueles que deveriam retê-lo para si e decidir sobre ele.”<sup>20</sup>

Finalmente, a concepção de que não existem escolas especiais para os alunos diagnosticados com TDAH é errônea, pois podem não existir escolas específicas para eles, mas com certeza existem escolas que estão mais preparadas para recebê-los e possibilitar que tenham mais controle sobre suas ações e reações.

A escola seja ela pública ou privada, tenha recursos ou não, deve ser inclusiva, acolher a todos os alunos sem preconceitos e sem a falta de vontade de trabalhar com dificuldades, a escola deve ser menos “indiferente” para com as diferenças e possibilitar a educação inclusiva de qualidade para alunos com

---

<sup>19</sup> MAZZOTTA, *Trabalho Docente ...*, op. cit., p. 22.

<sup>20</sup> MACHADO, op. cit., p. 22.

necessidades educacionais ou não. Não se pode admitir que uma escola não se adapte a fim de educar um aluno e atender suas necessidades, mesmo com falta de apoio do Poder Público, pois outras alternativas podem suprir esta falha, como a iniciativa privada, trabalho voluntário, etc.

### 3.3 QUE AÇÕES IMPLEMENTAR PARA QUE A ESCOLA SE TORNE INCLUSIVA?

“(...) as idéias de ‘formatação’ e de poder absoluto permeiam toda a questão do preconceito na escola pública.”<sup>21</sup>

Em nossa realidade, porém, parece que a competência da escola está justamente em preservar essa estrutura de poder. Como parte do sistema, ela cumpre o seu papel de seletividade: só permanecem os mais aptos, aqueles a quem foi conferido o privilégio do acesso ao saber... Não posso me conformar com essa situação. É preciso mudá-la.<sup>22</sup>

A flexibilização dos currículos é um ponto chave para a adaptação do ensino atual para alunos com dificuldades de aprendizagem, com necessidades educacionais especiais e portadores de TDAH.

a existência de currículos abertos e flexíveis é uma condição fundamental para que se possa responder às diferentes necessidades dos alunos e dos contextos sócio-educacionais em que se desenvolve o processo de ensino-aprendizagem. A resposta às necessidades especiais dos alunos deve ser buscada no currículo comum, realizando-se ajustes e adaptações precisas, como via básica para que seja assegurada a igualdade de oportunidades.<sup>23</sup>

Com tal adaptação curricular e metodológica pode-se estabelecer uma educação diferenciada para cada aluno, contanto que os demais não sejam prejudicados, tal tarefa não é fácil, mas requer o trabalho conjunto de todos os profissionais da escola, pais, membros da comunidade e dos próprios alunos.

---

<sup>21</sup> MACHADO, *op. cit.*, p. 25.

<sup>22</sup> MANZINI, Eduardo José (org.). **Educação Especial: temas atuais**. Marília: Unesp-Marília-Publicações, 2000, p. 11.

<sup>23</sup> MANZINI, **Educação Especial ...** *op. cit.*, p. 17.

A detecção e avaliação das necessidades educacionais especiais constitui uma etapa primordial. O objetivo não é conseguir encontrar os traços que permitam situar determinados alunos dentro de uma das categorias em que se distribuem as deficiências. Ele é muito mais abrangente, com mais nuances e mais ligado às possibilidades educacionais. Trata-se, sem dúvida, de conhecer os perfis evolutivos da criança, suas limitações e atrasos, determinando se existe uma etiologia orgânica ou ambiental. No entanto, a finalidade primordial é analisar suas potencialidades de desenvolvimento e de aprendizagem, avaliando ao mesmo tempo quais são os recursos educacionais que necessita e em que tipo de escola os mesmos podem ser encontrados para conseguir que sua evolução seja satisfatória.<sup>24</sup>

A integração e o trabalho em sala de aula com a criança portadora de TDAH é de suma importância para o aprendizado da mesma, portanto o estudo desta relação pode auxiliar os professores no auxílio deste aluno que necessita de cuidados educacionais específicos, sem discriminação e com o devido respeito, considerando o nível de possibilidades de desenvolvimento de cada um.

O professor deve explorar essas possibilidades, por meio de atividades abertas, nas quais cada aluno se enquadra por si mesmo, na medida de seus interesses e necessidades, seja para construir uma idéia, resolver um problema ou realizar uma tarefa.

Não há como prever técnicas de ensino específicas para cada necessidade educacional especial, mas sim aprender com cada aluno o seu método de aprendizagem, sendo este o grande desafio enfrentado pelos professores, que estão conscientes das necessidades destes alunos.

Os doutrinadores sugerem que o primeiro passo para que a escola se torne inclusiva, é abrir suas portas para todos os alunos sem distinção ou preconceito, o passo seguinte é a reunião da equipe pedagógica para a formulação de um projeto de inclusão, autônomo e específico para as dificuldades daquela escola, para tanto é preciso que esta equipe conheça os alunos, as condições de vida deles, o número e as necessidades dos alunos com NEE, porque se não os conhecerem não poderão elaborar um currículo que reflita às suas necessidades.

Portanto, deve-se considerar a realidade do aluno com NEE particularmente.

---

<sup>24</sup> MARCHESI, Álvaro e MARTÍN, Elena. Da Terminologia do Distúrbio às Necessidades Educacionais Especiais. in CESAR COLL, JESUS PALÁCIOS (org). **Desenvolvimento Psicológico e Educação. Necessidades Educativas Especiais**. trad. de Marcos A. G. Domingues, v. 3, Porto Alegre: Artes Médicas, 1995, p. 12-13.

Uma forma de transformar o ensino, deixando de priorizar as avaliações e sim a capacidade de compreender e aprender do aluno, seria a troca deste sistema periódico de avaliação, por uma avaliação na qual não seja apenas testado o conhecimento do aluno, mas que sua evolução e conhecimento no dia a dia sejam também consideradas.

Os alunos não podem mais ser vistos como uma massa que deve atingir a expectativa da escola, do professor e da família, aprender tudo que o professor ensina e ter um bom comportamento, enfim, ser um “bom aluno”. Estes modelos e expectativas do que pode se considerar como um “bom aluno” são corretos?

A escola e seus professores têm que se conscientizar de que os alunos não são perfeitos, ficarão frustrados se não conseguirem atingir as metas que lhe forem impostas, ter notas e comportamentos satisfatórios dentro de um determinado padrão considerado aceitável. O fato de suas notas não serem boas ou serem muito altas, não demonstra sua potencialidade, ou se ele realmente assimilou os ensinamentos e irá aproveitá-los. Alunos podem apenas decorar a matéria e esquecê-la no dia seguinte, podem ter uma facilidade em memorizar, mas podem ter muita dificuldade em interpretar, raciocinar ou interagir.

A função da escola é dotar o aluno de conhecimentos e capacidades que lhe serão úteis na sua vida privada e profissional, é capacitá-lo para pesquisar, raciocinar, interagir e ter auto-conhecimento.

Para que a inclusão seja possível o professor tem que estar em harmonia com a escola, com outros profissionais da educação e com os alunos que apresentam ou não o diagnóstico de hiperatividade.

Esta harmonia ocorrerá com mais facilidade se o professor:

- 1) Tiver a compreensão das características da criança diagnosticada como hiperativa;
- 2) A escola tiver um currículo desenvolvido para servir como base ao aluno diagnosticado com hiperatividade, que deverá ser adaptado ao caso concreto apresentado;
- 3) Compreensão e aplicação de processos pedagógicos fundamentados no conhecimento das características de aprendizagem do aluno com TDAH;

4) Seleção, elaboração e uso de materiais e equipamentos apropriados para o fomento do ensino e o estímulo a atenção do aluno com TDAH.<sup>25</sup>

### 3.4 FORMAÇÃO CONTINUADA DO PROFESSOR

“Diz ainda Saviani que, uma aguda consciência da realidade em que irá atuar, uma fundamentação teórica que permita uma ação coerente, além de uma satisfatória instrumentalização técnica que lhe possibilite uma ação eficaz, constituem os fins de um curso de formação do educador. Sua concretização implica abrangência nos níveis: atitudinal, crítico-contextual, cognitivo e instrumental.”<sup>26</sup>

O professor é a peça fundamental para a educação para alunos com necessidades educacionais especiais e para uma escola inclusiva. O sucesso da educação, seja na escola comum ou na especial, depende muito da qualidade da formação do professor.

Para que o professor esteja preparado para a inclusão escolar é necessário que se mantenha atualizado através de pesquisas, leituras, participação em cursos e palestras.

Os vários aspectos apontados em relação à preparação de pessoal para o trabalho docente em educação especial, devem ser complementados com a importância da inclusão, nos cursos de formação de professores, de elementos relativos à atuação desse profissional em equipe multidisciplinar. Na medida em que o recurso educacional especial implica, muitas vezes, a intervenção de profissionais de outras especialidades (terapia ocupacional, fonoaudiologia, fisioterapia, medicina, serviço social, psicologia), o docente especializado precisa estar preparado para o trabalho que envolverá a atuação de uma equipe desta natureza.<sup>27</sup>

Os professores esperam aprender uma prática inclusiva, ou melhor, ter uma formação que lhes permita aplicar esquemas de trabalho pré-definidos às suas salas de aulas, garantindo-lhes a solução dos problemas que presumem encontrar

---

<sup>25</sup> Itens baseados nas sugestões sobre qualidades específicas que o professor deve ter, mas referente ao ensino de deficientes mentais, citada por: MAZZOTTA, **Trabalho Docente...** *op. cit.*, p. 48.

<sup>26</sup> MAZZOTTA, **Trabalho Docente** ... *op. cit.*, p. 40.

<sup>27</sup> *Idem, ibidem*, p. 55.

nas escolas inclusivas, mas não existem soluções prontas e acabadas, por isso a hiperatividade não pode ser estudada sem o contexto da sala de aula.

O 'Programa Educação Inclusiva: Direito à Diversidade' é parte de um movimento que compreende a educação como direito humano fundamental, base para uma sociedade justa, com ações voltadas para o acesso e permanência de todas as crianças na escola. Tem como objetivo mobilizar esforços para habilitar todas as escolas para o atendimento dos alunos na sua comunidade, especialmente aqueles que têm sido mais excluídos das oportunidades educacionais.<sup>28</sup>

É certo que a formação continuada é uma das formas de se manter o professor atualizado e preparado para o ensino aos alunos com NEE, mas não se pode descuidar da realização desta formação, para que ela seja eficaz e condizente com as necessidades dos professores.

É importante que o professor exercite constantemente a reflexão e o compartilhamento de idéias, sentimentos e ações, entre os próprios professores, diretores, pedagogos e coordenadores da escola, interagindo com as experiências de outros profissionais e buscando soluções significativas para problemas reais.

Os professores não podem se manifestar passivamente durante o exercício de sua profissão, podem e devem questionar a própria prática, fazer as mudanças e as comparações e, analisar passo a passo o ensino. Para alunos diagnosticados com hiperatividade, os professores devem definir suas pedagogias especializadas ou combinadas e, utilizar diversos modelos para o atendimento das necessidades de todos os alunos, de acordo com as respostas de sucesso e fracasso obtidas pela aplicação do modelo pedagógico adotado.

"Assim, o homem tende a se posicionar passivamente, pois internaliza para si a visão fatalista do mundo. Como diria Horkheimer: 'Esse mundo existe e deve ser aceito'."<sup>29</sup>

Todos estes esforços propiciarão uma escola mais inclusiva não apenas para os alunos com NEE, e para os outros alunos, mas também para os professores e demais profissionais atuantes na escola.

<sup>28</sup>Disponível em <http://www.mec.gov.br/seesp/programa1.shtm> Artigo: **Programa Educação Inclusiva: Direito à Diversidade.**

<sup>29</sup> KASSAR, *op. cit.*, p. 22.

Um dos desafios do professor é encontrar sempre uma maneira diferente de explicar os conteúdos do currículo regular com o objetivo de fazer o processo de aprendizagem mais prazeroso e significativo.

'A criança só terá compreendido o mundo quando for capaz de imaginá-lo em sua mente, indo mais além do nível do entendimento. O segredo do ensino é ver a inteligência da criança como um campo fértil, no qual se pode plantar sementes de idéias que crescerão sob o calor da imaginação flamejante' (Maria Montessori).<sup>30</sup>

A inclusão está presente na teoria, cabe ao professor dar-lhe exeqüibilidade, para isso terão que se preparar, mas o processo de inclusão escolar não pode esperar que os professores sejam capacitados primeiramente, que depois as escolas também sejam adaptadas, que currículos sejam flexibilizados, etc.

A inclusão deve ser realizada agora, mesmo que através de tentativas e erros, pelo menos ela estará sendo pensada e estudada, já é o primeiro passo.

"Combinando as qualidades fundamentais envolvidas no nível atitudinal, cognitivo, instrumental e crítico-contextual, o professor precisa ser aquele educador que, para concretizar o *valer*, o *saber fazer*, entenda, antes de mais nada, a sociedade e a educação na sociedade em suas várias dimensões."<sup>31</sup>

### 3.5 PRINCIPAIS RESISTÊNCIAS PARA A INCLUSÃO

Não são as particularidades individuais que determinam se um aluno possui ou não uma dificuldade escolar que exija ações educativas diferenciadas, mas sim quando este aluno se depara frente às ações da escola, que está, na maioria das vezes, voltada para atendimento educacional a um grupo de referência, ou seja, a instituição escola espera que o aluno se 'encaixe' na forma do processo educativo que ela oferece.<sup>32</sup>

Algumas modificações terão que ser feitas tanto no pensamento da escola e do professor, esperando que o aluno se encaixe em um modelo de aluno. Quanto a escola, terá que ser adaptada possibilitando que o aluno tenha condições de aprender e interagir.

<sup>30</sup> Disponível em [http://www.sion.arauca.br/jornal/2004/jornal4\\_04.htm](http://www.sion.arauca.br/jornal/2004/jornal4_04.htm), acesso em 16.09.04, as 19:45.

<sup>31</sup> MAZZOTTA, **Trabalho Docente** ... *op. cit.*, p. 40.

<sup>32</sup> MANZINI, **Educação Especial** ... *op. cit.*, p. 12-13.

As resistências para a inclusão estão na falta de conhecimento, no preconceito, na falta de paciência e tolerância e na falta de flexibilidade.

O medo pelo desconhecido não pode ser superior a capacidade e vontade do professor, mesmo a deficiência na sua formação não pode ser uma desculpa para a desmotivação e desistência de lutar pela inclusão.

Sabe-se que, no geral, os professores são bastante resistentes às inovações educacionais, como a inclusão, por não saberem como lidar com esse problema educacional, não foram treinados, nem estimulados para resolverem o problema da exclusão destes alunos portadores de necessidades educacionais especiais.

A tendência é se refugiarem no impossível, considerando que a proposta de uma educação para todos é válida, porém utópica, impossível de ser concretizada com muitos alunos e nas circunstâncias em que se trabalha, hoje, nas escolas, principalmente nas redes públicas de ensino.

Para que o professor consiga praticar a inclusão na sua classe deve desenvolver um conhecimento através de estudos ou práticas ou, obter uma formação específica para a identificação de necessidades educacionais especiais, com o objetivo de definir, liderar e apoiar implementações estratégicas de flexibilização e adaptação do ensino ao aluno com necessidades educacionais especiais, mais especificamente a hiperatividade, utilizando práticas didáticas adequadas e trabalhando em conjunto com os alunos na classe comum.

Assim, ao conceito de inclusão se interpõem outro: o conceito de necessidades educacionais especiais. esta deve ser a referência no interior das escolas, uma necessidade educacional em relação ao currículo escolar, entendendo que a dificuldades para aprender se originam na interação do aluno com o contexto de ensino e aprendizagem. Portanto, as necessidades educacionais especiais tem caráter relativo e dinâmico, uma vez que a dificuldade educacional do aluno é considerada em relação ao nível curricular em que ele se encontra, ou seja, em relação a série em que ele está matriculado e o conteúdo previsto em cada componente curricular (Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, Estudos Sociais etc.).<sup>33</sup>

O professor pode e deve se sensibilizar com as necessidades dos seus educandos, aprender a trabalhar com a diversidade humana, dentro de uma escola inclusiva e participar suas idéias e experiências com seus colegas.

---

<sup>33</sup> MANZINI, **Educação Especial** ... *op. cit.*, p. 13.

### 3.6 COMO DERRUBAR OS PRECONCEITOS CONTRA A INCLUSÃO DA CRIANÇA COM TDAH?

Trata-se de tarefa difícil, mas não impossível, o trabalho coletivo e diversificado é uma forma de contribuição para a melhoria do ensino e da capacidade dos professores.

Os alunos que vivem com a diversidade, aprendem a respeitá-la, a viver em sociedade, a dividir responsabilidades e repartir tarefas, exercitando estas interações desenvolverá a cooperação, o sentido de grupo, o respeito pelas diferenças, o reconhecimento dos talentos individuais e a valorização do trabalho de todos.

O preconceito existe na sociedade competitiva, onde o diferente é escondido, é desconhecido e causa insegurança.

Existe também o preconceito em relação à inclusão, que pode ser reduzido com a participação da sociedade na escola, com a convivência ladeada pelo respeito mútuo entre todos os participantes do processo educacional.

A informação e a convivência dissolvem o preconceito.

### 3.7 ALGUMAS FORMAS SUGERIDAS POR DOUTRINADORES, DE MANTER A ATENÇÃO DO ALUNO DIAGNOSTICADO COMO HIPERATIVO

Os professores que enfrentam algum desafio ou dificuldade no ensino para a criança com diagnóstico de TDAH, podem implementar algumas mudanças na sala de aula, para que o ambiente escolar fique mais acolhedor e tranquilo para este aluno e conseqüentemente para os demais alunos e professores.

O professor pode delegar algumas tarefas ao aluno com diagnóstico de hiperatividade, que além de lhe dar mais responsabilidade, também supra sua necessidade de constante atividade motora, sendo ajudando o professor a distribuir

material de ensino para os demais colegas ou, seja indo até outro departamento da escola buscar algo que o professor necessite.

Retirar objetos e materiais que distraiam a criança, se possível afastá-la de alunos que possam distraí-la com facilidade, bem como, se possível, das janelas.

O ideal seria que os professores pudessem trabalhar com classes de reduzido número de alunos, no máximo vinte, para melhor conhecê-los, ouvi-los e atendê-los.

As crianças com diagnóstico de TDAH geralmente se desenvolvem muito bem em um ambiente bem estruturado, com a mesma rotina, com atividades gradativas e realizadas uma de cada vez, o que as faz se sentirem mais seguras.

O fato da criança ser diagnosticada como hiperativa, não quer dizer que ela tem dificuldades ou poderá causar problemas, é possível que esta criança seja muito criativa, inteligente, talentosa, mas não se sinta estimulada a mostrar este seu lado, por isso a importância do professor atento aos seus alunos, que saiba compreender, aceitar, encorajar, reconhecer o potencial de cada aluno e também amar, sua profissão e seus alunos.

Existem outros colégios, principalmente particulares que utilizam diversas pedagogias primando pela liberdade e auto-conhecimento do aluno, com a livre escolha do material que será utilizado nas aulas, com exercícios elaborados para que o aluno possa dominar a sua impulsividade e necessidade de movimentar-se constantemente e, a auto-avaliação, onde o próprio aluno avalia seu desenvolvimento após cada aula, podendo, assim, mensurar por si próprio o seu progresso e dificuldades.

Com estas pedagogias diferenciadas, busca-se a interação entre os alunos, para que estes tenham consciência de suas conquistas e aprendam a ser conscientes, aqueles sem necessidades aceitando aos outros, pensando neles e até se incomodando positivamente por eles.

Esta visão propicia o respeito mútuo, sendo indiferente que um aluno possua uma deficiência, transtorno ou apenas dificuldades no aprendizado, e uma escola assim, busca a integração e auto-conhecimento destes alunos.

Ainda há o estímulo à autonomia e ao desenvolvimento da responsabilidade, propiciando um maior controle motor dos alunos, sem recriminações.

Com a autonomia, a criança saberá identificar seus limites e capacidades, poderá aceitar desafios, encontrar soluções, ser criativa e, expressar suas opiniões sendo consciente de seus direitos e deveres.

### 3.7.1 Estratégias de ensino criativas, atraentes e interativas

Deve-se concretizar, vivenciar para compreender e estimular a observação do real para intuir e imaginar.

Não basta a dedicação do professor, seus conhecimentos e a implementação da inclusão escolar, o aluno com diagnóstico de hiperatividade pode necessitar de estratégias de ensino muito mais criativas, atraentes e interativas.

Estas estratégias visam motivar o aluno, estimular seus sentidos, fazê-lo gostar de aprender e sentir prazer em ir a escola. Estes resultados podem ser obtidos através de um currículo rico e com variedade de métodos de ensino.

Aprendizagem participativa, ensino recíproco, entre outras, são técnicas de interação entre aluno e professor.

O professor precisa atualizar seus métodos de ensino para as novas e múltiplas técnicas, capacitar-se nas metodologias e pedagogias existentes, com uma constante reciclagem de informações e conhecimentos.

Estimular a leitura também é treinar o aluno para que preste atenção e se interesse pela história, mas com o cuidado de verificar se isto realmente está ocorrendo, e uma forma é pedir para que ele conte a história de forma resumida para os colegas, dizer quais personagens gostou mais, qual ou quais as características de cada um, nesta participação deve-se tomar o maior cuidado para que não hajam a humilhação, os gracejos e a exposição ao ridículo, pois a inibição e a timidez precisam ser controladas e a auto-estima preservada. Os outros alunos também podem fazer o mesmo.

Interessante é oferecer às crianças hiperativas atividades diversificadas, que exijam atenção, mas que não as desgastem intelectualmente, porque assim,

elas terão sempre prazer em executá-las. Estas atividades podem ter a função de premiar o aluno por ter terminado o trabalho rotineiro com atenção.

### 3.8 INFLUÊNCIA DO NÚMERO DE ALUNOS NA CLASSE COM ALUNO HIPERATIVO

“Se a inteligência é algo que só se realiza por diversas manifestações individuais, não são as classes homogêneas que a contemplam, mas o inverso. Em uma classe composta de alunos que possam ter diversos tipos de enfrentamento de problemas, de dificuldades, sem que esses sejam motivos para menosprezo, a probabilidade de a razão universal surgir é maior.”<sup>34</sup>

Uma classe com reduzido número de alunos onde se inserem aqueles com necessidades especiais, pode propiciar um desenvolvimento melhor destes alunos?

Na prática e infelizmente, os professores têm que lecionar para um número grande de alunos, uma classe com facilidade pode chegar a ter quarenta deles, o que dificulta, sobremaneira, não apenas o ensino como também a inclusão.

Para o aluno diagnosticado com hiperatividade, é um fator que contribui dificultar a atenção e facilitar a dispersão durante uma aula, exigindo intervenções competentes e significativas. Com certeza, classes com menor número de alunos favorecem as relações que se estabelecem no processo de ensino-aprendizagem. O professor poderá disponibilizar uma parcela maior de atenção, não encontrar muitas dificuldades na administração de atividades e podendo motivar-se a estabelecer formas mais criativas de abordagens de conteúdos, suas discussões bem como metodologias avaliativas.

É de se esperar que as interações entre todos os alunos ocorram com uma participação mais efetiva, qualificando o ensino.

---

<sup>34</sup> MACHADO, *op. cit.*, p. 21.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A TDAH ou mais comumente chamada de hiperatividade, antes vista como uma deficiência e um diferencial entre os alunos, atualmente é melhor compreendida, tanto pelos profissionais da saúde quanto pelos da educação, que passam a conhecer melhor pelas experiências e pela disponibilidade de legislações que os orientam para que a inclusão na escola comum seja uma constatação.

Há pouco tempo acreditava-se que o TDAH existia em decorrência de uma deficiência cerebral que causava a agitação, a falta de concentração entre outras possíveis características relacionadas com o diagnóstico da hiperatividade. Felizmente após estudos mais detalhados tanto no aspecto médico quanto no comportamental e psicológico, sabe-se, hoje, que o TDAH não é uma doença, nem uma deficiência, sendo atualmente denominada como um transtorno e, até mesmo, como um distúrbio, mas não se tem certeza sobre o que pode causá-lo.

Assim como na pequena história transcrita na epígrafe deste trabalho da joaninha sem bolinhas, esta é a visão que até pouco tempo existia e, infelizmente em alguns casos ainda está presente nas escolas, de que o aluno diagnosticado com TDAH possuía uma deficiência, que tornava difícil a convivência com outras pessoas gerando rejeição nos educadores e afastamento de colegas que não conheciam o transtorno, não sabiam como ensinar, lidar com as dificuldades e manter a atenção deste aluno. Na realidade não eram instruídos, e nem incentivados para administrar as diferenças, tampouco para proporcionar a inclusão escolar.

“Proponho que, tal como um besouro e o pássaro pintor, nós (sejam professores ou psicólogos) façamos uma aliança (quase cumplicidade) com a criança/joaninha-sem-bolinhas, para que ela tenha espaço para ser e espaço para provar que sendo uma ‘verdadeira’ criança/joaninha (com ou sem bolinhas) é sempre capaz de aprender ... e ensinar.”<sup>35</sup>

Atualmente a criança diagnosticada como hiperativa já pode contar com profissionais da educação mais conscientes e preparados, mesmo que não

---

<sup>35</sup> AMARAL, Lígia Assumpção. Histórias da Exclusão – E de Inclusão? – Na Escola Pública. In MACHADO, Adriana Marcondes. **Educação Especial em debate**. São Paulo: Casa do Psicólogo: CRP-6, Região, 1997, p. 34.

totalmente ou como seria ideal. Já existem cursos de especialização e palestras específicas sobre a inclusão escolar com ênfase não apenas para o aluno com TDAH, mas também para os que possuem outras necessidades educacionais especiais.

O aluno diagnosticado com TDAH, não é uma criança menos capaz em comparação com os demais alunos, apenas necessita de maior atenção e paciência dos professores, de aulas mais dinâmicas, atraentes, envolventes, que estimulem a sua atenção e curiosidade e, fundamentalmente, de professores capacitados.

No contexto de sala de aula, o aluno diagnosticado com TDAH não precisa ser necessariamente, aquele aluno agitado, inquieto e hiperativo. Cabe ao professor ter o discernimento de utilizar toda esta energia para o benefício do próprio aluno e do desenvolvimento do resto da turma, conhecendo os limites da atenção e paciência do aluno hiperativo, deixando que a sua participação neste ambiente transcorra de uma forma mais apropriada a suas particularidades e à sua individualidade, que ele se sinta útil e capaz de exercer funções de responsabilidade, e estas sejam efetivamente reconhecidas por todos. Cooperação, solidariedade e ponderação, são aspectos que auxiliam a sua conduta social no espaço educacional, espaço para todos, espaço que deve ser destituído de atitudes excludentes, preconceituosas e segregacionistas.

O professor também pode adaptar sua metodologia de ensino para cada aluno independentemente de ele ser diagnosticado como hiperativo ou não, pois entre os alunos com TDAH e, até mesmo entre os que não apresentam o transtorno existem diferenças, de capacidade, atenção, estímulo, afinidade com a disciplina lecionada, entre outros fatores. Tais potencialidades diferentes devem ser exploradas e estimuladas pelo educador, pois tais características (seja quanto as dificuldades ou capacidades) se identificadas com a finalidade de aperfeiçoar as capacidades e diminuir as dificuldades dos alunos, contribuirá para seu futuro pessoal e profissional.

As comparações entre alunos ou a expectativa dos educadores quanto a seu desenvolvimento devem ser revistas, os alunos não possuem o mesmo desenvolvimento educacional, cada um possui o seu tempo para aprender, assimilar e formular seus próprios conhecimentos, também o aluno diagnosticado com TDAH tem esta particularidade, mas na escola inclusiva o que se propõe é também essa

visão individualizada dos educandos que só trará benefícios tanto para eles quanto para a escola.

Discute-se sobre a necessidade do aluno diagnosticado com TDAH receber reforço escolar, que pode ocorrer ao freqüentar uma sala especial ou com um período maior de aulas para suprir possíveis dificuldades no aprendizado, mas esta necessidade deve ser analisada caso a caso, considerando-se as dificuldades apresentadas individualmente.

A separação dos alunos em uma classe especial parece não ser a melhor forma de tornar efetiva a inclusão escolar e também para o desenvolvimento do aprendizado do aluno, o melhor seria analisar em quais aspectos estão suas dificuldades, quais são os motivos destas dificuldades, onde podem ser sanadas, e se necessário proporcionar ao aluno um reforço escolar, que pode ocorrer com a revisão dos conteúdos em horários especiais e, até mesmo, com aulas particulares quando necessário e possível for.

Não há a necessidade de se considerar escolas especiais para portadores de TDAH, mas existem escolas que possuem um lugar “especial” para estes alunos, que oferecem um programa ou um ambiente ou educadores que melhor correspondem às necessidades especiais destes alunos. Estas escolas podem não ser denominadas como especiais para alunos com TDAH, mas beneficiam o seu aprendizado por respeitar suas diferenças e individualidades.

A inclusão escolar é um tema que está sendo estudado e discutido atualmente de forma intensa, por influência das declarações internacionais, das legislações nacionais sobre o tema, do incentivo para aplicação da inclusão nas escolas comuns, visto os benefícios que ela pode proporcionar para todos os alunos.

Alguns profissionais da educação podem apresentar ainda alguns preconceitos contra a inclusão ou, até mesmo, contra a criança com diagnóstico de hiperatividade em decorrência da idéia de que ela pode atrapalhar a aula, ser indisciplinada e até mesmo vê-la como agressiva. Tal idéia parte da incapacidade e da falta de informações deste profissional, que se bem orientado, em consonância com outros profissionais da área educacional e médica, tentem a humanizar a visão que este educador terá da criança com diagnóstico de hiperatividade, enxergando que se trata de uma criança comum, mas que apenas pode ter necessidades educacionais especiais.

Existem diversos estudos a respeito dos possíveis problemas enfrentados pelos professores com a educação para os alunos diagnosticados com TDAH, como a falta de atenção, a constante necessidade em se locomover, manter a concentração em atividades longas entre outras características comportamentais. Os autores destes estudos sugerem algumas atitudes, como atividades e metodologias que favoreçam a participação deste aluno tornando suas características, ao invés de um problema, uma nova forma de participação e de ensino. A retirada de materiais que possam distrair os alunos, a utilização de materiais pedagógicos mais interessantes - as crianças atualmente tem contato com diversas tecnologias de informação e de entretenimento, e a escola pode se beneficiar com a utilização destas novas tecnologias para manter a atenção e participação dos alunos - , facilitando seu aprendizado e estimulando seu desenvolvimento e aperfeiçoando técnicas didático-pedagógicas, incrementando o seu rendimento escolar, além de tornar a escola mais atual e estimulante, diminuindo a evasão.

O número de alunos por sala de aula também influencia na inclusão e no aprendizado do aluno diagnosticado com hiperatividade, pois com um número menor de alunos o professor pode desenvolver melhor um trabalho individualizado para cada aluno, conhecer melhor suas potencialidades e dificuldades, facilitando também a concentração do aluno diagnosticado com TDAH tendo em vista que o professor poderá lhe dar mais atenção.

É importante que os professores se interessem pelo estudo do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade, para que conheçam melhor seus alunos portadores deste transtorno. Obter maiores conhecimentos quanto a forma e metodologias de ensino diferenciadas, buscar na experiência de seus colegas educadores e nas experiências de sucesso em escolas tanto públicas como privadas, novas medidas para serem utilizadas em sua sala de aula, são atitudes inerentes ao profissional da educação e comprometido com ela.

O professor não pode ficar esperando do Poder Público o auxílio de forma satisfatória nesse processo de formação e/ou capacitação, o auto-conhecimento na efetivação da inclusão escolar, pois lhe serão disponibilizados poucos recursos, informações e opções, necessitando-se muito mais da iniciativa própria, da escola e da comunidade, para que se fomente o espírito participativo tão necessário para a sua realização .

É inerente a profissão de educador buscar o sentido de educar, transmitir conhecimentos, também possibilitar a formação de cidadãos conscientes que saibam respeitar o próximo, conviver com as diferenças, trabalhar em conjunto, cooperadamente, auxiliar seus colegas, solidarizar-se, enfim, a atividade do professor não se restringe em repassar seus conhecimentos numa concepção “conteúdista”, mas inserir estas crianças na sociedade, acompanhar seu desenvolvimento sempre contribuindo para melhorá-los.

Ao professor incumbe-se ou delega-se também, a competência de suprir ausências, de substituir muitas vezes a figura materna e paterna, de educar, de impor limites, de transmitir regras comportamentais, entre outras inúmeras atividades que mesmo não sendo de sua responsabilidade, acaba assumindo por descompromisso ou desinteresse familiar.

Propõe-se que este professor multidisciplinar ou “multifuncional” assuma mais uma tarefa, educar com competência e criatividade o aluno diagnosticado com TDAH e, que também possibilite a sua inclusão na escola, conferindo-lhe uma expectativa de vida projetada em sucessos e minimizada em fracassos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Lígia Assumpção. Histórias da Exclusão – E de Inclusão? – Na Escola Pública. *In* MACHADO, Adriana Marcondes. **Educação Especial em debate**. São Paulo: Casa do Psicólogo: CRP-6, Região, 1997.

AMBROSETTI, N. B. O “eu” e o “nós”, trabalhando com a diversidade em sala de aula. *In* ANDRÉ, M. (org.) **Pedagogia das diferenças na sala de aula**. Campinas: Papirus, 1999.

BARROS, Juliana M. G. **Jogo Infantil e Hiperatividade**. Rio de Janeiro: Editora Sprint Ltda, 2002.

BENCZIK, Edyleine B. P. **Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade, Atualização Terapêutica, Um guia de orientação para profissionais**.

\_\_\_\_\_. **Manual da Escala de Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade: Versão para professores**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

BRAGA, R. **O Comportamento Hiperativo na Infância**. Curitiba: Editora Conscientia, 1998.

BRASIL, Secretaria de Educação Especial – **Tendências e desafios da educação especial**. Editora organizadora: Eunice M. L. Sorano de Alencar. Brasília: SEESP, 1994.

BUENO, José Geraldo Silveira. **Educação Especial Brasileira. Integração/Segregação do aluno diferente**. São Paulo: Editora PUC/SP.

CARMO, Apolônio A do. Inclusão escolar: Roupa nova em corpo velho. *In* **Revista Integração**, Ministério da Educação e Desporto/Secretaria de Educação Especial, ano 13 nº 22, 2001.

CEDES, **Educação Especial**. São Paulo: Cortez, 1989, caderno nº 23.

\_\_\_\_\_ **O Fracasso escolar um desafio pedagógico.** São Paulo: Cortez, caderno nº 28.

CESAR COLL, JESUS PALÁCIOS, ALVARO MARCHESI. (organizadores) **Desenvolvimento Psicológico e Educação. Necessidades Educativas Especiais.** Tradução de Marcos A. G. Domingues, v. 3, Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

FONSECA, Vítor da. **Educação Especial – Programa de estimulação precoce.** Porto Alegre/RS: Artmed Editora S.A., 2002.

GLAT, Rosana. Inclusão total: mais uma utopia? *In Revista Integração*, Ministério da Educação e Desporto/Secretaria de Educação Especial, ano 8 nº 20, 1998.

GOLDSTEIN, Sam. e GOLDSTEIN, Michel. **Hiperatividade: como desenvolver a capacidade de atenção da criança.** Tradução de Maria Celeste Marcondes. 3. ed. Campinas/SP: Papyrus, 1998.

JONES, Maggie. **Hiperatividade: como ajudar seu filho.** Tradução de Denise Maria Bolonho. São Paulo: Plexus Editora, 2004.

KASSAR, Mônica de Carvalho Magalhães. **Ciência e senso comum no cotidiano das classes especiais.** Campinas/SP: Papyrus, 1995.

\_\_\_\_\_. Reforma do estado e educação especial: preliminares para uma análise. *In Revista de Educação PUC-Camplnas*, Educação Especial. Campinas, n. 11, Novembro de 2001.

MACEDO, Lino de. **Competência relacional e situação-problema: elementos para uma reflexão pedagógica.** Manuscrito não publicado. São Paulo: Instituto de Psicologia, USP, 1999.

\_\_\_\_\_. Fundamentos para uma educação inclusiva. *In Psicologia da Educação: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia da Educação/ Pontifícia Universidade Católica de São Paulo*, n. 13, São Paulo: EDUC, 2º semestre de 2001.

MACHADO, Adriana Marcondes. **Educação Especial em debate.** São Paulo: Casa do Psicólogo: CRP-6, Região, 1997.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Ensino inclusivo / educação (de qualidade) para todos. *In Revista Integração*, Ministério da Educação e Desporto/Secretaria de Educação Especial, ano 8 nº 20, 1998.

\_\_\_\_\_ **Ser ou estar: eis a questão. Explicando o déficit intelectual.** Rio de Janeiro, WVA Editores, 1997.

MANZINI, Eduardo José (org.). **Educação Especial: temas atuais.** Marília: Unesp-Marília-Publicações, 2000.

MATTOS, Paulo. **No mundo da lua: Perguntas e respostas sobre transtorno do déficit de atenção com hiperatividade em crianças, adolescentes e adultos.** 4. ed. São Paulo: Lemos Editorial, 2004.

MARCHESI, Álvaro e MARTÍN, Elena. Da Terminologia do Distúrbio às Necessidades Educacionais Especiais. *in* CESAR COLL, JESUS PALÁCIOS (org). **Desenvolvimento Psicológico e Educação. Necessidades Educativas Especiais.** trad. de Marcos A. G. Domingues, v. 3, Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

MARQUEZINE, Maria Cristina. e ALMEIDA, Maria Amélia. **Congresso Brasileiro Multidisciplinar de Educação Especial.** v. 2, Londrina/PR, 1999.

MAZZOTTA, Marcos José da Silveira. **Trabalho Docente e Formação de professores de educação especial.** São Paulo: EPU. 1993.

\_\_\_\_\_ **Fundamentos de Educação Especial.** São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1982.

\_\_\_\_\_ **Educação Especial no Brasil. História e políticas públicas.** São Paulo: Cortez, 1996.

MELO, Regina Célia. Uma joaninha diferente... 2. ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1989. *apud* AMARAL, Lígia Assumpção. Histórias da Exclusão – E de Inclusão? – Na Escola Pública. *In* MACHADO, Adriana Marcondes. **Educação Especial em debate.** São Paulo: Casa do Psicólogo: CRP-6, Região, 1997, p. 33-34.

MORAES, Mônica Martinez de. Uma possibilidade de escola para todos: a formação continuada de professores em educação especial. *In Revista de Educação PUC-Campinas, Educação Especial.* Campinas, n. 11, Novembro de 2001.

MOYSÉS, Maria Aparecida Affonso (*et. al.*). A história não contada dos distúrbios de aprendizagem. *In*: CEDES, **O Fracasso escolar um desafio pedagógico**. São Paulo: Cortez, caderno nº 28.

MRECH, Leny Magalhães. O que é educação inclusiva? *In* **Revista Integração**, Ministério da Educação e Desporto/Secretaria de Educação Especial, ano 8 nº 20, 1998.

PAIN, Sara. **Diagnóstico e Tratamento dos Problemas de Aprendizagem**.

PEREIRA, Olívia. **Educação especial: atuais desafios**. Rio de Janeiro: Interamericana, 1980.

PIRES, José e Gláucia N. da Luz Pires. A integração escolar de crianças portadoras de necessidades especiais na classe regular: implicações legais e compromisso social. *In* **Revista Integração**, Ministério da Educação e Desporto/Secretaria de Educação Especial, ano 8 nº 20, 1998.

PRIETO, Rosângela Gavioli. Atendimento escolar de alunos com necessidades educacionais especiais: indicadores para análise de políticas públicas. *In* **Revista UNDIME – RJ**. Ano III, nº 1, I Semestre de 2002.

ROHDE LA, BENCZK E. **Transtorno de déficit de atenção / hiperatividade. O que é? Como ajudar?** 1999.

SANTOS, Mônica Pereira dos. Educação Inclusiva. *In* **Revista Integração**, Ministério da Educação e Desporto/Secretaria de Educação Especial, ano 10 nº 22, 2000.

TITTON, Adriana [*et. al.*]. **Da educação especial à integração: um caminho a ser conquistado. Anais do Evento de Extensão “A escola frente às necessidades educativas especiais”**. Orientadora: Mirian Pan na disciplina de Psicologia do Excepcional da UFPR, 1997.

Guia Prático do Professor Sionense, Colégio Sion de Curitiba.

[www.escolaquevale.org.br](http://www.escolaquevale.org.br) site sobre experiências de sucessos na inclusão

[www.saci.org.br](http://www.saci.org.br) site sobre educação especial

[www.gentespecial.com.br](http://www.gentespecial.com.br) site sobre educação especial

[www.entreamigos.com.br](http://www.entreamigos.com.br) site sobre educação especial

[www.laramara.org.br](http://www.laramara.org.br) site sobre deficientes visuais

<http://www.mec.gov.br/seesp/programa1.shtm>

site [http://www.sion.arauc.br/jornal/2004/jornal4b\\_04.htm](http://www.sion.arauc.br/jornal/2004/jornal4b_04.htm)